

ACAMPA, MONA, QUE ESTE É O CAMINHO: (RE/DES) FAZENDO GÊNERO EM UM ACAMPAMENTO DE “CURA” DE TRAVESTIS

CAMPING, MONA, THIS IS THE PATH: (RE/UN) DOING GENDER IN A CAMP OF "HEALING" OF TRANSVESTITES

*Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho**

RESUMO

Apresento neste texto algumas das formas como o Acampamona, acampamento de “cura e libertação” de travestis, organizado pela missão evangélica Salvação, Amor e Libertação (SAL) em conjunto com seu ministério anônimo de conversão de travestis, opera seu discurso religioso / sexual / generificado, e como tal discurso atua, em conexão com a própria agência de travestis, ex-travestis e ex-ex-travestis, em suas concepções acerca da relação entre corpo e alma.

Palavras-chave: “cura e libertação” de travestis, transexuais e homossexuais; gênero, sexualidade e religião; ex-travestis e ex-ex-travestis.

ABSTRACT

I present in this paper some of the ways the Acampamona, camping of "healing and deliverance" of transvestites, organized by the evangelical mission Salvation, Love and Deliverance (Salvação, Amor e Libertação / SAL), in conjunction with your anonymous ministry transvestites conversion, operates its religious / sexual / gendered discourse, and as such

* Presidente da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Pós-Doutorando em Ciências Humanas pelo Programa Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). Bolsista CAPES à época da pesquisa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7589132071776933>. E-mail: edumeinberg@gmail.com.

speech acts in connection with the agency itself transvestites, former transvestites and ex-ex-transvestites in their conceptions of the connection between body and soul.

Keywords: "Healing and deliverance" of transvestites, transsexuals and homosexuals; gender, sexuality and religion; former transvestites and ex-ex-transvestite.

The long and winding road, that
leads to your door

(a longa e sinuosa estrada, que leva
até sua porta)
Beatles

Yes, there are two paths you can
go by,
but in the long run, there's still
time
to change the road you're on

(sim, há dois caminhos que você
pode seguir,
mas na longa caminhada, ainda
há tempo
de mudar o caminho em que você
está)
Led Zeppelin

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento algumas das formas como o *Acampamona*, acampamento de “cura e libertação” de travestis organizado pela missão evangélica Salvação, Amor e Libertação (SAL) em conjunto com seu ministério anônimo especializado na “conversão de gênero” de tais pessoas, concebe a travestilidade e as relações entre corpo e alma, bem como algumas das maneiras como tal discurso impacta algumas das hóspedes de tal acampamento.

Durante o texto, procurarei identificar algumas das formas como o *Acampamona* se apresenta como *caminho* possível para travestis *chegarem a Jesus* através da conversão de corpo e alma, ou como a reversão da travesti em “varão ou homem de Deus” é entendida como a via para a salvação e libertação; as formas como a condução à salvação segue uma jornada pedagógica que se expressa na disposição das atividades do acampamento; e como as hóspedes reagem aos discursos que escutam – ou quais os caminhos que elas percorrem a partir do que tais concepções teológicas fazem (ou procuram fazer mas nem sempre obtêm êxito) delas.



Este texto é dividido da seguinte forma: apresento primeiramente um panorama sobre a SAL e seu ministério anônimo de cura e libertação de travestis, que ilustra o contexto em que o Acampamona atua e a concepção das pessoas que o promovem e visam a salvação de corpo e alma de suas hóspedes. Posteriormente, demonstro algumas das concepções teológicas (também genericadas e sexuais) da equipe técnica do evento, que podem ser consideradas componentes de uma *teologia cishet-psi-spi*, fundamentada na cisnormatividade¹ e pressupostos da batalha espiritual e áreas psi, bem como alguns modos como se relaciona a conversão do corpo à da alma. Próximo ao final do texto, veremos alguns dos impactos de tais discursos no corpo e alma das hóspedes do Acampamona e da SAL, e por fim, reflexões *inconclusivas* que talvez possam instigar hipóteses de trabalho a outr@s pesquisador@s.

E AÍ, MONA, VAMOS NO ACAMPA? ESTAMOS TE ESPERANDO!

Foi através desta frase que Rouvanny Moura, líder de um ministério anônimo especializado na “cura e libertação” de travestis, pertencente à missão evangélica Salvação, Amor e Libertação (SAL), interpelou uma travesti que encontrou na Avenida Industrial de Santo André no começo de julho de 2014, enquanto caminhávamos em direção ao local em que eu realizaria a entrevista com ele.

Era uma fria tarde de sábado. Eu já havia conversado com Rouvanny outras vezes, mas pelo Facebook. Esta seria a primeira vez que conversaríamos *off-line* – ainda que tendo celulares com tecnologia 3G não estivéssemos totalmente “*off*”. Combinamos de nos encontrar na hora do almoço na estação Prefeito Saladino para ele me apresentar a SAL. No caminho passamos pela avenida referida e ele me explicou ser este um dos principais pontos de prostituição de travestis da cidade e alvo da evangelização do ministério que ele liderava.

¹ *Cisgeneridade* é a condição da pessoa *cisgênera* (ou *cis*): aquela que se sente confortável com o sistema sexo/gênero que lhe foi outorgado no nascimento ou gestação. Já a pessoa *transgênera* ou *trans** é aquela que não se sente adequada ao que se espera de um determinado sistema sexo/gênero designado no nascimento ou gestação. As concepções *cisnormativas* são aquelas, genericamente falando, que naturalizam/normalizam a cisgeneridade, descrevendo/prescrevendo/normatizando as transgeneridades como abjetas. As concepções *heteronormativas*, explicando muito sucintamente, são aquelas que normalizam/naturalizam a prática hétero enquanto normatizam/desnaturalizam as práticas não hétero. Chamamos *cis-heteronormatividade* a mistura entre concepções cisnormativas e concepções heteronormativas. Já o termo *cishet*, abreviatura de *cis-heteronormatividade* e aplicada à pessoa *cis-heteronormativa*, é um termo nativo bastante utilizado por pessoas *trans** e afins, ao menos por volta de 2016.



Eu ainda estava conectando os termos *mona* e *acampa* e desconfiando do que se tratava, quando ele explicou: “Sabe o que é o Acampamona? Assim... e aí, mona, vamos acampar? Aí ficou Acampamona, é o nome sugestivo deles mesmo. Vamos acampar, mona? ² (risos) Um acampamento prá travestis. Quer ir com a gente?” Prontamente respondi que sim e pedi mais detalhes. Ele contou que se tratava de um evento a ser realizado num sítio próximo a Santo André e que no ano anterior havia tido uma primeira edição. Confirmei minha disposição em participar para escutar histórias de gênero+religiosas das (dos?)³ travestis e rumamos à SAL.

A SAL é uma missão evangélica que

tem por objetivo alcançar pessoas em situação de exclusão nos centros urbanos. Seu trabalho não está baseado no assistencialismo, mas em levar todos os que sofrem a verdadeira liberdade que está em Cristo Jesus. Fundada em 17 de setembro de 2007 na Cidade de Santo André, é o fruto do sonho de pessoas que acreditam no Resgate, Restauração e Reintegração do homem à sociedade através do evangelho integral. ⁴

A base atual de operações da SAL é chamada *Comunidade Nova Chance*, e fica em Santo André, próxima da Avenida Industrial. Nesta casa moram missionári@s e pessoas acolhidas, tendo durante o dia a companhia de Paulo Cappelletti (um@ dos fundador@s) e de sua família. Na época de minha pesquisa (2014) moravam três pessoas que já se identificaram anteriormente travestis, e cerca de 7 pessoas que tiveram problemas com dependência química.

Entretanto, circulam diariamente pela casa diversas travestis e algumas ex-travestis que fizeram parte de processos de recuperação na casa, e/ou que participam do café-da-manhã ou demais refeições comunitárias preparadas pel@s morador@s. Perguntei a Cappelletti como tinha surgido a ideia dele trabalhar com travestis:

A gente tinha aqui 15 adolescentes que moravam com a gente, a gente tinha oito travestis, dois assassinos, a gente tinha traficante, drogado, prostituta, tudo morando

² O termo *mona*, originalmente da língua nagô (yorubá), significa *mulher*. Mas entre pessoas homossexuais pode adotar outros sentidos, sendo utilizado tanto para se referir a mulheres como a homens homossexuais.

³ Uma dificuldade minha no campo foi a de ressignificar o modo como pessoas travestis são denominadas. Ainda que a ampla maioria destas – ao menos as da região sudeste do Brasil, com quem convivi – prefiram e reivindicuem serem referidas no feminino, @s missionári@s da SAL, assim como seu fundador, as chamavam no masculino. E algumas das (alguns dos) travestis que conheci no Acampamona e na casa missionária da SAL também se chamavam assim. Neste caso, além de ressignificar o modo como travestis são chamadas, eu tive de renomeá-las/adaptar o modo como estou acostumada a designá-las, chamando algumas destas pessoas no masculino, caso preferissem. Eu perguntava: “você prefere que eu te chame no feminino ou no masculino”?, para me certificar dos pronomes de tratamento mais adequados. Na dúvida, inclusive na presença de missionári@s, eu designava tais pessoas no feminino, sabendo que geralmente travestis apreciam ser denominadas desta forma.

⁴ Quem somos. *Site da SAL*, 2016.



junto. Isso na época da CENA. Começou que a gente tava deixando os travestis na comunidade, tava deixando dentro da igreja da CENA que eu ajudei a implantar. Aí o que eu fiz: como eu abri a casa eu levei todos eles pra morar comigo. Era eu e minha esposa e uma mina que era missionária. Foi assim: foi indo pra comunidade, eles queriam sair, a gente colocava eles dentro da igreja, aí quando decidi abrir a casa, eu decidi: não vou deixar os caras na igreja, eu vou levar ele pra dentro da minha casa, não foi uma coisa que foi planejada e tal, foi na hora, porque a gente não queria deixar os caras dormindo lá atrás da comunidade. Na primeira vez vieram quatro, aí depois chegou mais quatro na minha casa. Não era um ministério só de travestis. O Rouvanny que trabalha com os travestis hoje em dia.⁵

Rouvanny é considerado missionário pela SAL desde 2012, e convive com a família Cappelletti há quase doze anos. Conheceu Cappelletti quando este ainda era líder da CENA, morou na Fazenda Nova Aurora em Juquitiba e, posteriormente, na Casa Família coordenada por Cappelletti. Acompanhou a família deste quando o mesmo saiu da CENA. Foi aprendendo a fazer serviços “masculinos” no meio tempo entre a saída de Cappelletti da CENA e a fundação da SAL, como mexer com fiação elétrica e serviços de pintura.

Ainda que referido na casa como *ex-travesti* e *ex-traveco*, à época das entrevistas que realizei com Rouvanny, ele relatou não ser *nem ex-travesti* e *nem travesti*, visto ter de matar a travesti que mora dentro dele diariamente: “a Dibelém (apelido utilizado quando se declarava travesti) morreu mas carrego todo dia ela no caixão: é como no AA, não posso deixar ela se levantar de novo”.⁶

Durante a entrevista com Cappelletti, um@ missionári@ entreviui: “o travesti tá enterrado ali, mas a qualquer momento ele pode sair também”, ao que Cappelletti retomou: “eu acho que nem enterrado, eu acho que é como deixar droga, vai livrando aos poucos”. Indaguei se tinha algo a ver com o sistema dos Alcoólicos e Narcóticos Anônimos do *só por um dia*:

Não, não tem nada a ver. O que eu sempre falo pra todo mundo é que minha casa não é solução pra todo mundo, minha casa é solução pra alguns, eu acho que todas as

⁵ CAPPELLETTI, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014. A CENA (Comunidade Evangélica Nova Aurora) é outra missão da qual Cappelletti participou, situada no centro de São Paulo e também tendo um ministério especializado na “cura e libertação” de travestis. De acordo com o *site* da mesma, “é uma missão interdenominacional que “tem por objetivo alcançar as pessoas que vivem na “boca do lixo” com o evangelho de Cristo desde 1987. A Missão CENA atende a população em situação de rua, crianças em situação de risco, travestis, garotas de programa, albergados (no inverno), presta atendimento jurídico e grupo de apoio para dependentes químico (sic) na base da missão que está localizada no centro de São Paulo, área conhecida como “Cracolândia”. O trabalho da Missão CENA é hoje um dos mais completos em termos de resgate, recuperação e reintegração de pessoas excluídas da sociedade, isso devido a pessoas que acreditaram no poder transformador de Deus e de Sua Palavra, doando seu tempo e até mesmo seus recursos pelo que acreditavam” (Nossa missão. *Site* da CENA, 2016).

⁶ MOURA, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.



instituições que estão no Brasil, em São Paulo, ou em qualquer lugar, cara, é solução pra alguns, não pra todo mundo, não importa o tamanho da entidade, ela pode ser gigantesca, tem solução pra alguns, não para todo mundo.⁷

Mas em relação a ser ou não semelhante ao AA / NA, há quem pense que seja. Segundo um@ missionári@, “sim, é parecido com o AA, sim. É matar um leão por dia. Ou uma leoa, como eles acham né?”.⁸ Outr@ missionári@ complementou: “Tem tudo a ver com o AA. Tem que derrubar o espírito que aprisiona o traveco, todo dia. A gente sabe que são demônios e potestades”, complementando: “mas o pessoal não aguenta muito tempo, a rua chama os caras, é o dinheiro, o *glamour*, as drogas e o sexo”.⁹

Uma das estratégias recentes da SAL para “derrubar demônios e potestades”, ou seja, restaurar e reintegrar travestis à sociedade, é o seu ministério anônimo de conversão de travestis, bem como uma das principais atividades do mesmo, o Acampamona. Rouvanny explica que

antes não tinha este ministério direcionado pros travestis. Eu que criei. Eu sou fruto de um acampamento da CENA, de 2001. Era pra homossexuais, travesti. Era estilo esse. Esse Acampamona, na SAL, o nome eu que criei. O Acampa é uma forma dele (o travesti) se empolgar porque eles gostam dessas coisas. Começou o ano passado isso e colocou. Esse sistema do acampamento vem da CENA, que é uma instituição com a mesma filosofia: retratar, restaurar e reintegrar. Restaurar o caráter e reintegrar à sociedade. Dá certo porque eles veem alguém que era como eles.¹⁰

Talvez a última consideração de Rouvanny sinalize que ele mesmo pode ser considerado uma espécie de caminho (ou talvez veículo) para a condução à restauração. Ele comenta:

o que vale é a nossa atitude. 10 anos eles não me vêm fumando pedra, nem roubando e nem me prostituindo na esquina. É a minha ação com eles, de não falar de Jesus com eles fumando pedra, entendeu? Tem uns que adora uma chacota, falar, e como falam. Mais do que a palavra, as nossas atitudes que falam.¹¹

Além disso, o próprio evento pode ser considerado um caminho para tal restauração e reintegração. Um@ missionári@ explicou: “o evento terá várias atividades que os travestis

⁷ CAPPELLETTI, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁸ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁹ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS B., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

¹⁰ MOURA, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

¹¹ MOURA, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014. Neste contexto, chacota significa falar mal.



curtem, é assim que nos aproximamos dos caras”.¹² Aliás, o próprio tema geral do evento foi esse, *o caminho*, tendo como fundamento o verso bíblico de João 14:6, “Disse-lhe Jesus: “eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim””, como se pode ver no cartaz que Rouvanny compartilhou (em postagem pública) no seu perfil:



Imagem: *O caminho*, tema do Acampamona

Mas quais seriam os caminhos trilhados no acampamento para restaurar e reintegrar estas pessoas? O próprio formato das atividades do evento pode dar pistas a respeito:

o que acontece: nós vamos 26 à noite, é em Jacaré. Aí passa 27 todinho, aí quando for 28 de manhã a gente vem depois do café. Fechou? Vai de voluntário, pra cozinhar, limpar. Também é um momento bom pra conversar.¹³ Nós temos quatro momentos devocionais: café, almoço e janta, café da manhã no outro dia. A oportunidade de cultuar o Senhor junto com eles. Eles não cultuam o Senhor? Cultuam sim, eles acreditam em Deus, mas não tem a igreja aberta pra eles porque tem o preconceito. É viado e trans. Aí quando vem a amizade, pega amizade assim, ó. Aqui eles são muito objeto sexual, o dia inteiro atrás deles.¹⁴

Os momentos devocionais talvez possam ser considerados *trechos* deste caminho, marcado, como veremos, por um *mix* de acolhimento e de adaptação. Para verificarmos isso, acompanhemos fragmentos de entrevistas e notas de inspiração etnográfica para possíveis pistas

¹² MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS C., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

¹³ Vale notar que o convite a participar do Acampamona também foi feito por Cappelletti: “vai ter um acampamento de travestis, vá com a gente, pegue detalhes com o Rouvanny. Dá prá você escrever um livro lá” (CAPPELLETTI, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014). Agradece, expliquei que já estava sabendo do evento e que sim, gostaria muito de participar e conversar com o pessoal presente.

¹⁴ MOURA, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

inconclusivas. Partamos, então, em direção ao *Acampamona*, veículo e caminho para a salvação de corpo e alma (na concepção das pessoas que o organizam).

O *Acampamona* como caminho pedagógico e salvífico de corpo e alma

Cheguei por volta das 17h30 do dia 27 de agosto na SAL. No portão fui recepcionado¹⁵ por um missionário que havia me conhecido no dia em que estive na casa para entrevistar Rouvanny Moura e Paulo Cappelletti. Ele me acompanhou até o interior da casa, onde estavam Rouvanny, por volta de 8 missionári@s e 14 travestis.

Elas estavam sentadas em sofás e cadeiras e se preparando para assistir um filme no DVD, *A Maldição de Chucky*. Assisti o filme com elas enquanto chegavam outras meninas. De pouco em pouco, haviam cerca de 27 travestis na casa, superando minhas expectativas. No meio tempo, Rouvanny distribuía cobertores e moletons às moças que chegavam. Algumas acharam que se tratavam de presentes, mas ficaram sabendo depois que eram empréstimos, para uso somente no sítio.

Às 20h chegou um ônibus fretado a fim de levar missionári@s e travestis ao *Acampamona*. Ajudei a carregarem o veículo com caixas de alimentos e refrigerantes. O ônibus partiu às 21h e chegou ao sítio Shalom, em Jacareí, por volta das 22h45. No caminho, o carro parou para apanhar cerca de oito travestis. Ao total, viajaram ao *Acampamona* 35 travestis, além de uma mulher transexual. Durante a viagem, fui conversando com travestis e missionári@s. Fiquei sabendo que a grande maioria das travestis presentes era proveniente de cidades como Fortaleza, Belém e São Luís. Muitas chegaram a Santo André com a promessa de que teriam condições de adequarem sua aparência através da colocação de silicone e que seriam acolhidas em determinadas casas. A maior parte sabia que tratavam-se de casas de cafetinas, às vezes outras travestis, que em alguns casos funcionavam como *bombadeiras*, e que pagariam diárias para residir nas casas destas através do que arrecadassem em programas sexuais.¹⁶

¹⁵ Optei em utilizar o *e*, ao invés do *o* ou do *a*, afim de marcar minha auto-marcação como pessoa que não se identifica nos (com os) polos binários de gênero.

¹⁶ É importante realçar que esta é uma observação específica deste campo pesquisado, e não deve servir para generalizações ou essencialismos.



Mas muitas das travestis que estavam no ônibus relataram morarem em baixo de viadutos e algumas, serem consumidoras de cocaína e/ou de *crack*. Pelo que observei, todas viviam em situação de enorme vulnerabilidade social. E estavam muito entusiasmadas em irem a um sítio onde poderiam se divertir, descansar e comer à vontade, e em alguns casos, desfrutar de um ambiente religioso que de alguma forma as acolhesse – ainda que possamos considerar que tal caminho de “acolhimento” ou “inclusão” tenha seus *limites e fronteiras* (e também um *preço*: abrir mão da identidade escolhida), definidos em discursos e ações, como procuraremos observar no percurso do texto.

Logo no início do trajeto, Rouvanny explicou as regras do evento e orou:

não tem confusão, não tem rixa. Não pode sair da chácara, certo? Não pode se colocar, se colocar é um bom motivo pra se descolocar amanhã. Nós tem só hoje e amanhã a gente vai embora, ninguém vai morrer, vamos aproveitar sem briga, sem confusão, tá bom?

Vamos orar? Senhor nós queremos te louvar e te agradecer a vida de cada pessoa que está aqui, não é uma pessoa, mas um **amigo** que eu considero como amigo senhor Jesus. Obrigado porque cada **um** está aqui e que possamos de verdade nos divertir, ter um dia na sua paz, na sua presença senhor. Desde já queremos repreender toda ação do diabo, toda ação do inimigo, toda inveja, tudo que não convém de ti. Que caia por terra em nome de Jesus e que nós possamos nos alegrar na sua paz, amém?¹⁷

Em seguida Rouvanny estimulou as meninas a entoarem cânticos evangélicos. A canção *Faz um milagre em mim*, de Régis Danese, foi cantada em cântico pela maioria das presentes. Algumas canções foram puxadas por três ou quatro travestis. No ônibus fui apelidada pelas mesmas de *Jesus* e de *anjinho*, talvez por estarem de alguma forma imbuídas de algum sentido religioso, apelido que me acompanhou até o fim do evento.¹⁸ Tais coisas pareciam indicar que o caminho procurado não era somente relativo ao momento de lazer e descanso no *Acampa*. De fato, conversando com as gurias, muitas explicaram que eram evangélicas ou católicas de berço, e que não recebiam acolhimento em suas igrejas de origem por serem consideradas, como dito, “viados de saia”, “homossexuais radicais”, e “filhos do

¹⁷ Destaquei os termos “amigo” e “um”, na fala de Rouvanny, termos que denotam o esforço de não remeter à feminilidade das travestis.

¹⁸ Na chegada ao acampamento, fui apresentada como *Jesus* por Rouvanny e Cappelletti, e assim chamada por missionári@s e pelas travestis (às quais eu me apresentava como Edu).



capeta”. Para elas, ainda que a maioria tivesse ressalvas em relação à SAL, que diziam ser uma missão “muito autoritária”, valorizavam um momento que fosse de “comunhão com Jesus”.

Chegamos ao sítio Shalom por volta da meia-noite. As pessoas foram direcionadas ao refeitório e lá apresentadas às/aos demais missionári@s que já estavam na casa – cerca de 15 – além de Paulo Cappelletti. Quando este me cumprimentou, comentou: “aqui você vai ter material prá pelo menos uns dois livros”. Após as travestis se sentarem, Rouvanny fez a apresentação do evento:

Rouvanny: Acampamona 2014, “eis me aqui, vim para te adorar. Disse Jesus: eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim.” João, 14:16. Amém gente. (Aplausos gerais)

Rouvanny: “eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai a não ser por mim”, certo? E nós vamos trabalhar uma coisa, *o caminho*. O caminho que a maioria de nós quando criança a mãe mostrou, o caminho que a gente tinha que seguir, que era Jesus. O caminho, foi apresentado pro senhor. Então nós vamos passar hoje e amanhã e na sexta falar sobre o caminho, e preste bastante atenção, certo?

Hóspede: Mas o caminho é a esperança.

Rouvanny: A esperança no Senhor. Ele não morreu, ele ressuscitou e está aqui, com cada um de nós, certo? (Aplausos gerais)

Rouvanny: Ele quis vir pra cá. Quem vai trazer Jesus não sou eu, é a unção.

Missionári@: E nós vamos ajudar.

Rouvanny: Se não fosse uma equipe junto, não estaria acontecendo isso pra vocês. Amém? (Aplausos gerais)

Na sequência apresentou @s voluntári@s e missionári@s que chegavam (e também a mim), e convidou:

Vamos orar? Eu quero dizer que nós estamos muito felizes porque você está aqui, e que você possa de verdade fazer aquilo que nós achamos que seria legal fazer pra vocês, dá um dia de descanso, e que você pudesse refletir na sua vida, sem droga e sem abuso, sem homens que podem te machucar. O que nós queremos é que você seja bem vindo e que você de verdade tenha dois dias maravilhosos aqui com a gente.¹⁹

Após a oração foi servido um sopão de carne com legumes, e em seguida as pessoas foram direcionadas a quartos coletivos. Na maioria deles havia ao menos um@ missionári@.²⁰ Antes de irem para os quartos, todas receberam um pacotinho com um *kit* de beleza composto

¹⁹ Acampamona, *notas de campo*, 2014.

²⁰ Alguns quartos, contudo, eram reservados somente para missionári@s.



por sabonete, mini-*shampoo* e gilete de barbear. Perguntei a um@ missionári@ sobre este último item e ele disse: “eles são tão pobres que não tem dinheiro nem prá se barbear. Assim eles se sentem acolhidos. É nossa tática. Depois aprendem que homem tem barba mesmo”. Se por um lado poder se depilar é uma das etapas iniciais do *caminho de adesão da confiança* das presentes, a pedagogia sobre o “não precisar se depilar pois homem não se depila” é trecho do (per)curso de conquista de um paraíso generificado cis-heteronormativo.

Após as pessoas se acomodarem em seus quartos, algumas retornaram ao refeitório para assistirem outro filme de terror, comerem pipoca e tomarem refrigerante, tudo servido por Cappelletti e @s missionári@s.²¹ Do lado de fora, em um quiosque, algumas travestis tomavam bebidas alcoólicas e fumavam, ao que foram lembradas da proibição por missionári@s. A cozinha era o QG do ministério. Enquanto as travestis assistiam o filme ou conversavam do lado de fora, ou ficavam em seus quartos, @s missionári@s combinavam os horários de serviços e as melhores formas de se referirem às pessoas que estavam recepcionando.²² Cappelletti explicou em sua preleção à equipe técnica do evento:

Como tratar com os garotos? Quer que chame como mulher, é nome de mulher, nós temos uma posição muito clara, nós vamos falar no final e no decorrer das conversas que nós vamos ter no café da manhã, no almoço e na janta. A nossa casa ela serve só pra quem quer uma oportunidade de não viver mais a homossexualidade, então a pessoa que quer ir tem que trazer pro Rouvanny ou pra mim pra gente bater papo. A gente só tem uma vaga lá em casa, a gente não tem mais do que uma.

Nós vamos explicar que se eles querem só deixar as drogas, que a gente já tem um caminho pra prefeitura, então a gente pode encaminhar que lá eles vão tratar os travestis como mulher e tudo mais. Nós vamos deixar claro que a nossa casa é uma casa que a gente tem a opção de experimentar a vida com Cristo e mudar sua sexualidade, ou assumir a sexualidade dele. Essa tem que ser a conversa nossa. Quando a gente for falar “nossa casa, a casa da missão”, é uma casa que é pra quem ta cansado de ser travesti. No meio dele existem vários que está cansado. Então ó, se você quiser experimentar, essa é a conversa. Se querem que chame de mulher, chama de mulher. Se falar nome de homem, não chame a pessoa de homem perto dos outros, o nome

²¹ Parte d@s missionári@s fazia parte da SAL, mas a maioria eram pessoas voluntárias, pertencentes a igrejas diversas: presbiterianas, pentecostais, neopentecostais. Chamo est@s voluntári@s de missionári@s, pois assim eram entendid@s pelas hóspedes (ainda que não necessariamente tod@s voluntári@s tivessem sido ungid@s missionári@s).

²² As discussões giravam em torno de como chamar no feminino pessoas que @s missionári@s entendiam como masculinas. Perguntei algumas vezes o que estas pessoas consideravam como “feminino” e “masculino”. De modo geral, o órgão genital de nascimento era o que justificava a pessoa ser considerada “mulher” ou “homem”, pois “assim Deus as tinha feito”.



de homem. Se estiver sozinho pode bater papo como homem, mas se tiver com a galera, chama pelo nome de mulher.²³

Missionári@s complementaram: “por incrível que pareça, eles são totalmente sensíveis, o Paulo definiu muito bem isso: eles são sensíveis como mulheres e comem como homens” (Risos), e “o Paulo definiu. Foi você que falou isso, né? Eles são sensíveis como mulheres e comem como homens, então você precisa ter o cuidado quando você vai tratar. Se você sentir que ta sem jeito pra fazer, então vem trabalhar e deixa...”

Como vemos nestas falas, as travestis são entendidas como homens homossexuais – entretanto, são recorrentes as narrativas de travestis (inclusive hóspedes do Acampamona) que não se identificam desta forma, mesmo por que identidade de gênero, orientação sexual e orientação afetiva não são coisas sinônimas ou equivalentes.²⁴ Pode-se chamar a pessoa no feminino, mas no final do caminho, a posição da SAL ficará clara: travestis são homens homossexuais.

Ressalta-se ainda uma das finalidades do acampamento: acolher, ao final do trajeto, uma das hóspedes na chamada Casa Família da SAL. Chamar a travesti no feminino ainda que não a entenda assim é outra das etapas da jornada de (re/des)conversão / (re/des)construção do gênero da mesma – assim como cada uma das atividades do evento.

Uma delas foi um desfile de moda, comentado por um@ missionári@:

eu acho que o povo vai até ficar pensando: vai fazer o desfile, ta incentivando então o homossexualismo, essa moda, desfile, uma faixa, uma coisa? Na verdade é tudo uma armadilha, é uma forma mesmo da gente trazer eles. Eu tava falando com esse rapaz que é uma forma, porque o assunto na rua era o desfile. Eu vou pro acampamento, eu vou pro acampamento. Se a gente dissesse vamos pro acampamento orar, eles não iam sair de casa, eles não iam. Comida também tem na casa deles, tudo, então no fundo é tudo uma armadilha, arrumamos esse desfile. Então não precisa se escandalizar, pensar que a gente ta incentivando eles a viver essa vida, não. É tudo uma grande armadilha. E ai, o que acontece: nós vamos mostrar um pouco do amor de Deus pra eles. E conhecer um pouco o mundo deles, na realidade. Até chamamos um que vai fazer uma dança tudinho, mas é tudo uma armadilha. No final do acampamento, quem vai dar a conclusão mesmo é a gente. Muitos vão voltar ano que vem, e depois, e depois, por causa desse desfile e uma hora eles vão ser pegos, uma hora Jesus fala com eles. Como

²³ Realço que, no meu entendimento, só há uma forma de se referir a tais pessoas: através do *modo como elas gostariam de ser tratadas*.

²⁴ E são *categorias em disputa*: há muitas controvérsias sobre suas múltiplas definições possíveis. Comento sobre tais categorias em textos anteriores (2015b e c).



(referiu-se a algumas travestis pelo nome masculino)... hoje eles aceitam a gente chamar eles como homem. Alguns são transformados de uma só vez, outros são no processo.

Um@ missionári@ explicou: “conseguimos chegar nos caras porque eles tem o sentimento religioso. É saber que eles tem sede. Na hora que tava cantando, teve muitos deles que chorou”. É possível pensar que o acampamento, como tipo de retiro espiritual, ao afastar a pessoa de seu cotidiano muitas vezes caracterizado por uma série de tensões e atuar nas emoções da pessoa, pode torna-la potencialmente suscetível a acolher novas significações de vida e discursos acerca dos papéis e representações que ela deve ter no mundo.

Além disso, como vemos, o evento vai sendo ele mesmo construído como etapas de um processo de sedução / indução com o fim de convencer (ou converter) a travesti a “aceitar Jesus”, ou talvez aceitar Jesus de forma diferente da que a travesti fazia antes, visto que muitas destas pessoas já têm, como escutei, “Jesus no coração, mas falta a comunhão”. Uma destas etapas é o desfile de moda, concebido pel@ missionári@ como “armadilha prá trazer eles”. Em relação à assertiva de que as atividades eram “armadilhas” para atrair a atenção e conquistar a empatia e adesão das travestis, escutei outras narrativas. Um@ missionári@ explicou que durante o evento seria oferecido cortes de cabelo, mas que não se realizaria cortes masculinos a não ser que “o travesti queira. O negócio é comer pelas bordas. É pra eles ficarem à vontade. Depois no tempo certo eles cortam como tem que cortar, masculino”.²⁵

Os momentos devocionais também são partes importantes do (per)curso. Como foi narrado nesta primeira reunião,

a gente vai falar no café da manhã sobre violência doméstica, né? Uma coisa que vai mudar o nosso caminho, a violência doméstica. Então o devocional vai ser sempre João 14:16, mas só muda o foco. Violência doméstica, meio dia vai ser droga e prostituição que também vai justificar o caminho. A noite vai ser *glamour* e dinheiro, certo, eu preciso de alguém pra falar sobre o *glamour* e o dinheiro, que vai desviar a gente do nosso caminho.

Missionári@: *glamour* é nossa tentação.

Um@ missionári@ esclareceu: “é uma coisa simples, não precisa enfeitar o palhaço porque já tá tudo enfeitado. É uma coisa bem simples. E seria legal se eles saíssem com esse verso na cabeça”.²⁶ Após a declaração de que “o palhaço já estava enfeitado”, provavelmente

²⁵ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS B., entrevista a Maranhão Fº, 2014.

²⁶ Nota de campo, 2014.



fazendo referência à aparência das travestis, e reforçando que um dos objetivos do evento era o de ensinar tal *verso de salvação*, a reunião foi encerrada e, dada esta *nova largada* no processo, se iniciou o preparo do café da manhã. Este foi acompanhado de canções entoadas com o auxílio de um violão, por um@ d@s pastor@s que acompanhou o evento. O hino “Eis-me aqui”, seguido do *hit* que entoa o refrão “como Zaqueu”, foi acompanhado por volta de 26 travestis e os cerca de 20 missionári@s e voluntári@s do Acampamona.

Enquanto as hóspedes tomavam seu café da manhã, fiquei auxiliando nas atividades da cozinha. Notei que na geladeira do refeitório havia um adesivo da CENA, ex-missão de Cappelletti, que trazia o lema “enxergando Deus no meio das trevas”. O *slogan* é também aplicável à SAL, como me confirmou um@ missionári@, que narrou: “por enquanto estes caras estão nas trevas, mas nossa missão é trazê-los prá luz. Prá muitos deles o Acampa é o único caminho.”²⁷

A abertura dos trabalhos de evangelização, como era de se esperar, foi feita por Rouvanny. O tema da pregação era “Eis-me aqui” e o verso pregado, João 14: 6, que narra “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim”, conectando com o tema central do evento, *o caminho*. Rouvanny pregou em companhia de um@ missionári@ sobre o tema específico, que era violência doméstica, *causa de todos os males*.

o nosso pai xingou a gente que nós íamos ser viados (...) os nossos irmão também deram uma palavra da violência, que é a violência psicológica, que são palavras que você guarda no seu coração e você cresce com essa palavra, que você é incapaz, que você é um drogado, que você é um viado, que você é um lixo, que você não vale nada, mas Jesus não te quer assim, Jesus não vê nós assim, certo? E essa sim, a violência doméstica, o falar – a verbal – que é agressiva, quando nosso irmão pega a gente no pau, o nosso pai, a mãe, mas sempre tem alguém que ta de braços abertos, mostrando pra gente o caminho, amém?²⁸

Como vemos na concepção de Rouvanny, a primeira etapa do *caminho de perdição* que leva a pessoa a se tornar travesti (ou justificaria este “homossexualismo radical”) estaria na violência psicológica da família, enquanto o *caminho de salvação* seria Jesus. A pregação de Rouvanny foi completada com a frase “Deus fez Adão e Eva, e não Eva e Adão”, brincando com a ideia da expressão pejorativa “é viadão”. Na sequência, comentou que o tema da

²⁷ Idem, 2014.

²⁸ ROUVANNY, *pregação no AM*, 2014.



pregação noturna de 27 de agosto (outro passo do caminho de conversão de travesti em “homem de Deus”) seria “*glamour* e dinheiro”. Ministrada por um@ voluntári@ do Acampamona, est@ concluiu da seguinte forma: “no caminho de volta pra Deus, eu não mereço ser chamada de filha. Mas sim, ser chamado de filho, de filho pródigo” (destaques meus), evidenciando que tais travestis, ao serem convertidas, deveriam se perceber não como filhas mas como filhos, no masculino, o que se fundamenta em uma concepção cisnormativa.

Na manhã do dia 28, antes do café da manhã, um pastor comentou algo que eu já havia desconfiado: “não existe apenas a tentativa de converter os travestis. Você reparou como a cada momento eles tentam nos seduzir?” Perguntei a ele: “como assim? A SAL quer converter elas e elas querem converter as pessoas da SAL?”, e ele: “é exatamente isto, querem converter a gente pra outra coisa,”²⁹ ou seja, para fazerem sexo com elas, demonstrando um outro tipo de *conversão de caminhos*.

Outra etapa da jornada de “reversão do homossexualismo radical” proposta pelo Acampamona se apresentou nas orações, tanto as feitas com as hóspedes como as feitas entre a equipe técnica do evento. Em uma delas, um@ líder orou:

acalanta, Deus tu sabes que são homens, frustrados, feridos, dominados pelas forças do mal. Sabes ó Pai que eles precisam de sua graça. Quem somos nós, ó Deus? Em outras águas, em outros níveis, tão pecadores quanto. A única diferença entre nós é que nós entendemos a tua graça, entendemos a tua graça e conscientes de nossos pecados Pai, estamos aqui para nos arrepender deles, porque o Senhor sabe nos perdoar e nos tratar, segundo sua misericórdia e não segundo o nosso merecimento, porque por merecimento nada teríamos, nada seríamos, e o que somos e o que temos é por sua graça e talvez a única diferença desses homens que aqui estão diante de nossos olhos, a um espetáculo estranho, bizarro aos nossos olhos ou aquilo que estamos acostumados, mas são homens que precisam da tua graça, são homens que precisam do teu amor. Tua igreja é uma agência de salvação de vidas, treinamento de perdidos, ajuda-nos a viver essa realidade, Deus, toma conta. Você sabe das frustrações que tomaram conta das suas vidas, se for essas frustrações o senhor pode curar, transformar, oferecer uma vida melhor. Pai interfere... Usa nossa vida, Deus.³⁰

Vemos que a oração direcionada a essas pessoas entendidas como “homens, frustrados, feridos, dominados pelas forças do mal” e comparadas com um “espetáculo

²⁹PASTOR@ DO AM, nota de campo, 2014.

³⁰Oração de missionári@ no AM, *notas de campo*, 2014.



estranho e bizarro” remete ao *condutor* da salvação, Deus, e ao *veículo*, @s missionári@s e voluntári@s do Acampamona, parte da igreja que “é uma agência de salvação de vidas e treinamento de perdidos”. Esta oração fundamentou a entrevista que fiz com est@ missionári@ e com outr@s, a fim de conhecer suas concepções teológicas a respeito da travestilidade, que costuma ser entendida por estas pessoas como “um tipo mais radical – *fundo do poço e lamaçal do inferno* – do homossexualismo”.³¹

Concepções *cishet-psi-spi* no caminho

Os fragmentos de entrevistas a seguir podem sinalizar para o que chamei anteriormente³² de *teologia cishet-psi-spi*, que se fundamenta “na cis-heteronormatividade, que *comunga* com discursos espiritualizantes – de caráter dicotômico *angelizante / demonizante*, fundado na teologia da batalha espiritual – e com discursos advindos das áreas ‘psi’”.³³

De início, um@ pastor@ que acompanhava o acampamento inferiu que era mais fácil trabalhar na evangelização de prostitutas que de travestis:

elas são bem mais fáceis de lidar, porque só pra começar você é mulher, se você fosse uma prostituta você não seria uma aberração, você só estaria usando o corpo do jeito que ele é pra ganhar dinheiro. Mas o homossexual e o travesti especificamente ele é bizarro.³⁴

Esta concepção de que travestis são “aberrações e bizarros” é aprofundada em sua fala:

com prostituta é bem mais fácil, porque elas não são aberração da natureza. Eles se prostituem, vivem do sexo... e elas são apenas prostitutas que é uma profissão muito mais aceitável na sociedade. Quando é travesti já tem rejeição. Tem muito cara que não tem problema em dizer que pega prostituta, mas se pega travesti tem problema de ser visto, entendeu? Eles dizem que o que eles mais... que o caso que eles mais atendem na área de prostituição é o cara que gosta de levar também.... casado que gosta de levar... porque geralmente quando o cara não gosta de levar, procura prostituta que faz sexo anal. Ele gosta de sexo anal, que é chamado biblicamente de sodomita. Não é só o afeminado que vai pro inferno, o sodomita também. Tem muito homem normal que gosta do sexo anal. Na própria esposa... e tem mulher que gosta disso, que gosta de levar... já descobriu-se que dá prazer na mulher, e o homem sente prazer. Muitos

³¹ Missionári@, nota de campo, 2014.

³² MARANHÃO F^o, 2015b, 2015c.

³³ MARANHÃO F^o, 2015c, p. 53.

³⁴ PASTOR@ DO AM, *entrevista a Maranhão F^o*, 2014.



desse começaram sentindo prazer assim, os tios, os primos... eles não tem sentimento que estão sendo abusados, gerando sentimento no cara, mas quando ele cresce, quando ele recebe penetração ele continua sendo abusado até os 12 anos, aí quando ele recebe a penetração já há o prazer, fica ereto, porque toca numa região próxima à próstata que gera ejaculação e dá prazer. A primeira ejaculação que ele tem na vida é sendo penetrado, não penetrando. Aí acabou, velho, depois dos 12 anos que ele é penetrado e sente prazer e ejacula, porque o pênis do cara toca na região onde causa ejaculação. Aí ele é lambido, chupado e lambido. Você já ouviu falar que o médico quando quer fazer você ejacular ele pode enfiar o dedo no seu cú e alcançar a próstata e dar um toque pra você ejacular? Com a técnica.³⁵

A narrativa mostra outra (suposta) justificativa para a homossexualidade e para a travestilidade, o abuso sexual sofrido na infância, e o prazer de receber penetração anal. Perguntei qual era a relação entre homossexualidade e travestilidade na concepção dele.

existem três níveis de homossexualidade, vou falar vulgarmente pra você compreender: existe o homossexual que são pessoas como eu e você, que se vestem assim, entendeu? E que são o que as novelas tem mostrado. É o cara normal que aos olhos da sociedade é um pai de família, normal, mas ele é uma opção sexual. Tem o homossexual viado, que é esse que se veste como homem mas é todo viadinho, todo cuidadoso, que na novel também tem. Que é o Felix. E nesta novela é o Paulo Betti. O outro também tem, que faz o José Mayer. Um enrustido e outro declarado. O terceiro é o travesti. O cara negro da novela não é bem o travesti, é o andrógino, que é o homem vestido de mulher, que tem opções sexuais, mas ele não chega a ser travesti. É um homem vestido de mulher, travesti o cara põe peito, põe bunda... Entendeu? e depois do travesti tem o transexual, que é o cara que cortou o... coiso, o pinto... o pinto ficou pra dentro na verdade. É complicado, né? Só a graça do Senhor.³⁶

Para el@, as telenovelas retratariam os “três níveis de homossexualidade”, em que a travestilidade (e aparentemente a transexualidade também) figuraria como o mais radical dos níveis. @ pastor@ me explicou que já havia feito “algumas tentativas, algumas com sucesso e outros não, de recuperação do homossexual travesti.” Acerca das causas contemplou que:

geralmente o caso do abuso é assim: a criança vem sendo abusada, geralmente essa pessoa abusa por anos e a criança acha que aquilo é normal. Quando ela chega à puberdade ela passa a sentir as sensações e aí geralmente a primeira ejaculação que ela tem na vida dela é com a ejaculação normal, porque ela foi beijada, acariciada e excitada, então ela endureceu o pênis, esta pronta pra ejaculação. Ela é penetrada e de tanto a penetração alcançar lá no toque da próstata, gera o prazer e a ejaculação

³⁵ Idem, 2014.

³⁶ Ibidem, 2014. Certamente seria interessante comentar acerca das categorias descritas nesta fala. Contudo, deixarei para fazê-lo em outra ocasião.



sem ele se tocar. A primeira experiência dele é a penetração anal de um homem mais velho, geralmente parente. Aí ele vai experimentar, mas aquela foi a primeira ejaculação dele. Então isso é quando o abuso gera a homossexualidade da criança. Em outros casos também já estudado por mim a criança nasce com uma certa quantidade de hormônio feminino aí nesse caso ela tem formas diferentes, percebe o cheiro do homem diferente. Quando ela chega na puberdade começa a sentir igual mulher. Eu conheço casos, dou nome, RG, endereço e telefone, de que o pai sentou com a família, com o pastor, levou para uma clínica especializada fora do Brasil, tomou o remédio que controlava os hormônios e ele voltou ao normal.³⁷

Além de reforçar que o abuso sexual justificaria a travestilidade (bem como os demais “níveis de homossexualidade”), haveria ainda (supostamente) uma questão hormonal, e que para *retificar tal caminho de danação*, a solução estaria em conversar com a família, o pastor e levar a uma clínica especializada em tratamento hormonal que domesticasse a natureza transgressora de gênero destas pessoas. Ainda sobre esta *causa conjunta*, abuso sexual e disfunção hormonal, refletiu que:

pode ser os dois juntos, quando a criança tem hormônios diferentes ela já começa desde cedo ter trejeitos e já desperta o outro que quer fazer. Muitas vezes não é o tio, não é o primo, não é o vizinho mais velho, às vezes é o amiguinho da mesma idade. Eles vão fazendo troca-troca, isso é muito comum na infância, até que ambos atingem a puberdade e ambos começam a sentir prazer e continuam fazendo. Aí tudo isso vai gerando. Cada caso é um caso. Tem casos de exceção. O caso do abuso é um caso psicológico, emocional, questões físicas. Tem o caso que uma criança nasce com uma tendência porque ela nasce com hormônios em excesso, é uma disfunção hormonal, assim como tem mulheres com barba, mulheres com hormônios masculinos. Isso é normal, precisa de tratamento e hoje já existem, tá muito mais fácil, qualquer plano de saúde cobre um problema de disfunção hormonal. Até o SUS eu acho.³⁸

Aqui, ele amplia a questão do abuso: este não seria perpetrado necessariamente por pessoa mais velha, geralmente parente, mas entre “amiguinhos da mesma idade que fazem troca-troca na infância e continuam fazendo”. Define ainda o caráter do abuso: “é um caso psicológico, emocional, questões físicas”. Relacionou então a questão do abuso à (famigerada, polêmica) *cura gay*:

O pessoal confundiu essa coisa da cura *gay*, nada mais era que você tem um problema hormonal, nós oferecemos o tratamento pra você, era só isso. Se você decidir que a cura *gay* não existe, na verdade ela é uma proposta que

³⁷ Ibidem, 2014.

³⁸ Ibidem, 2014.



deveria ter vindo lá de cima da política dizendo o seguinte: se você decidir fazer um tratamento pra deixar de ser, nós vamos bancar o tratamento. Era isso que eles queriam, nada de forçar, obrigar todo mundo. Eu acho que quem propôs foi o Marcos Feliciano.³⁹

Feliciano, esclarecendo, enquanto líder da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM)⁴⁰ da Câmara dos Deputados apoiou projeto apresentado pelo deputado João Campos (PSDB-GO) que permitiria a recuperação de pessoas homossexuais/transformação das mesmas em pessoas hétero, projeto apelidado de “cura gay”.⁴¹

Perguntei se na opinião d@ pastor@ havia mais razões para a homossexualidade, além da questão hormonal e do abuso infantil:

existe uma questão espiritual, e aí já o povo é mais cético de acreditar nessa questão espiritual. Eu conheço casos... O pessoal mais tradicional não acredita muito nessas coisas. Eu conheço casos em que a criança foi oferecida quando bebê a um demônio para que quando ele completasse doze anos esse demônio dirigisse vida dele. Especificamente era um demônio chamado pombagira. Um demônio que age na área sexual, na deturpação sexual, entendeu? Alguns estudiosos dizem que o Brasil existem, cada continente é dominado por uma potestade. Por exemplo, o continente africano é dominado pela potestade da morte, o continente eu europeu é

³⁹ Ibidem, 2014.

⁴⁰ Magali do Nascimento Cunha nota que “em 5 de março (2013) foi anunciada pelo Partido Socialista Cristão (PSC), a indicação do membro de sua bancada, o pastor evangélico deputado federal Marco Feliciano (SP) como presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal (CDH). Foram imediatas as reações de grupos pela causa dos Direitos Humanos ao nome de Marco Feliciano, com a alegação de que o deputado era conhecido em espaços midiáticos por declarações discriminatórias em relação a pessoas negras e a homossexuais” (CUNHA, 2013).

⁴¹ Contextualizando, em 2011 já havia ocorrido o confronto entre ativismos LGB, trans* e feminista e coletivos religiosos, sobretudo evangélicos – controvérsia moldada em torno do julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) acerca do *reconhecimento da união estável de casais homossexuais (união homoafetiva)*. A deliberação do STF foi favorável a vários casos que pleiteavam o reconhecimento de direitos iguais entre casais homossexuais e heterossexuais à partilha de bens, pensão e herança. Na sequência, ocorreu o veto da presidente Dilma Rousseff ao apelidado *Kit Anti-Homofobia*, que seria distribuído pelo Ministério da Educação, e a retirada da PLC 122/06, que criminalizava a homofobia. A PLC 122/06 – que tramitava há quase uma década na CDHM – tinha como objetivo igualar a intolerância a pessoas homossexuais a crimes de ódio, como o racismo. A ex-senadora Marta Suplicy já havia tentado aprová-la, mas não obteve êxito. A PLC 122/06 procurava ampliar o alcance da Lei 7.716/89 que trata da discriminação de origem, religião e raça, tentando agregar identidade de gênero e orientação sexual. Em 2012, como recorda Jair de Souza Ramos, “temos também a atenção dada à eleição municipal em São Paulo, a participação do Pastor Silas Malafaia, e a tentativa de introduzir um viés religioso na eleição por meio das críticas ao chamado kit-gay.” Nesta ocasião, “quando se definiu o segundo turno da campanha eleitoral à prefeitura de São Paulo com os candidatos José Serra e Fernando Haddad, o pastor Silas Malafaia imediatamente entrou em cena manifestando seu apoio ao primeiro e conclamando os evangélicos a atacarem Haddad por ter sido sob sua direção no Ministério da Educação que foi desenvolvido o Kit Anti-Homofobia. Retomando a definição pejorativa de kit-gay, Malafaia tentou retomar a associação entre embates entre religiosos e defensores dos direitos humanos e seu impacto nas disputas eleitorais, que já havia se mostrado eficaz em outras eleições” (RAMOS, 2014, s/p). Importa realçar, ainda, que disputas e controvérsias entre evangélic@s e ativistas LGB e trans* são anteriores a 2011. Marcelo Natividade apresenta alguns destes casos em sua tese, sintetizando tais debates através da oposição “batalha espiritual para uns, luta por reconhecimento para outros” (NATIVIDADE, 2008, p. 69).



dominado pela potestade do dinheiro, e o Brasil é dominado por um deturpado do sexo, voltado pra sexualidade. A região da América Latina é dominada por isso. Você pode ver que mesmo as paraguaias, as bolivianas, as brasileiras são conhecidas pela sua fogsidade. A moral da história: eu conheço muitos casos que a criança foi oferecida. Aí ela cresceu. Ela nasceu, aí os pais levaram no centro e disseram: nós queremos consagrar nossa filha à Maria Padilha, que é uma entidade da pombagira, um tipo de pombagira. Aí levou a criança lá, a criança foi consagrada com 5/6 meses, o menino cresceu e depois de um tempo quando completou 12/13, ele cresce já diferente, cresceu cheio de trejeitos. Quando completou 12/13 anos foi buscar a experiência pessoal já buscou com homens, geralmente mais velhos e tudo mais. Foi o que aconteceu. Nestes casos... o diabo é legalista. Foi feita uma oferta pra ele, entendeu? O pai foi lá e pôs. Ele vai ficar o tempo todo dizendo: ela é minha, ela é minha, ela é minha. Foi dada pra mim, foi dada pra mim, foi dada pra mim. Então ele vai ficar atrás perturbando e vai criar todas as possibilidades pra que a criança seja colocada dessa forma ou numa questão de abuso, de tudo mais, entendeu? Então existe o caso espiritual.⁴²

Nesta concepção, que apresenta estereótipos colonialistas e discriminatórios em relação às tradições religiosas afro-brasileiras, a homossexualidade em seus três níveis poderia ser fruto de “consagração à pombagira”, entidade do panteão afro-brasileiro compreendida por ele como “um demônio que age na deturpação sexual”. Esta, e mais especificamente uma pombagira chamada Maria Padilha, ficaria exigindo a criança: “ela é minha, ela é minha, ela é minha. Foi dada pra mim, foi dada pra mim, foi dada pra mim” e criando (supostas) situações para que a mesma se torne homossexual, ainda que através do abuso sexual.

Esta justificativa tripla – *hormonal, traumática e espiritual* – é complementada com a questão emocional relacionada à rejeição paterna:

A grande maioria do que eu vi foram emocionais. Eu tratei de um caso de um menino que ele... quando eu conheci tinha 25 anos. Ele era homossexual, ele não era viado. Ele era o José Mayer da novela, era um cara normal, cuidava das fazendas do pai. O pai dele era um cara intransigente, um cara ruim de conversar, um cara fechado. O cara foi tão frustrado no relacionamento com o pai, ele foi tão humilhado no relacionamento com o pai que quando ele cresceu começou a ter relações sexuais com o peão da fazenda e sabendo que aquilo ofendia o pai, era uma vingança ao pai e acabou se tornando homossexual (...) quando eu conversei com ele, ele disse assim pra mim “eu na verdade tenho uma opção sexual, eu tenho uma preferência homossexual. Eu gosto de senhores de 55 em diante, baixinho, barrigudinho, carequinha”. Ele descreveu o pai dele. O abuso do peão nele foi só a porta

⁴² PASTOR@ DO AM, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.



de entrada pra ele descobrir o prazer dele. A porta de entrada foi a rejeição do pai. O incentivo que faltava foi esse.⁴³

Esta narrativa, que reflete o entendimento da maioria das pessoas que trabalham com “cura e libertação” de travestis com quem conversei, apresenta um *combo* que envolve uma *concepção teológica cishet-psi-spi* que privilegia a cis-heteronormatividade, o maniqueísmo espiritual e traumas psicológicos de fundo emocional (e relacionados na fala acima ao abuso sexual e à rejeição paterna).

Além de tais trajetórias que conduziriam ao “lamaçal do travestismo” e que podem apontar para uma epistemologia da sexualidade e gênero em ministérios de “recuperação” de travestis, escutei no Acampamona outras concepções teológicas, mais associadas às relações entre *conversão do corpo* e *da alma*, ou como a (re)conversão do corpo poderia ser *caminho* para a (re)conversão d’alma.

A salvação do corpo como *caminho* para a salvação d’alma

Conversando sobre as possíveis relações entre *transformar* / *converter* o corpo e *transformar* / *converter* a alma, indaguei a um@ missionári@ se além de converterem religião, o gênero também era convertido. El@ explicou que:

É uma coisa que a própria teologia tem que começar a pensar. Suponha que uma pessoa que abdica da sua condição natural e abdica do conceito que Deus trouxe pra ele, o seu gênero, e no caso deforma o corpo sagrado, como ele chega aos céus? E aí você tem uma pergunta: Será que existe uma forma no céu? Isso é muito maluco de pensar. Será que quando você sobe, seu corpo se restaura?⁴⁴

Tal concepção demonstra a cisheteronormatividade como condição natural, relacionando o “gênero natural” como “conceito que Deus trouxe”, e entendendo a travestilidade como “deformação do corpo sagrado”. Nesta concepção, entretanto, ao contrário da maioria das narrativas que escutei, a pessoa que “deforma seu corpo” não tem necessariamente como caminho natural o inferno. A inquietação desta pessoa é sobre o que acontece com a pessoa

⁴³ Idem, 2014.

⁴⁴ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS D., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.



que deformou o corpo e, convertida ao cristianismo, “sobe ao céu”. Ainda sobre conversão do corpo e da alma, el@ contempla *níveis de conversão*:

suponha que a pessoa queira restaurar sua condição inicial e isso seja possível. Suponha que ele queira restaurar seu corpo inicial, pra se converter totalmente, baseado que a condição de restaurar o corpo é necessária, é verdadeira. Mas suponha que ele não tem condição pra fazer isso, financeira. Isso significa que a conversão se torna um problema financeiro, não espiritual, e então é falso. Mas pelo menos ele tem a intenção.⁴⁵

Sua fala demonstra que a *conversão total* se dá quando se restaura o corpo, mas ao mesmo tempo problematiza a questão: o que ocorre quando a pessoa não tem condições financeiras de “restaurar o corpo”?

Sobre estes “níveis de conversão”, ouvi dois tipos de concepções, bastante semelhantes: na minoritária, expressa na opinião d@ missionári@ acima, se a pessoa converte sua alma, isso é o que importa, ainda que deva adequar seu corpo ao “gênero que Deus criou para ela”. No entendimento mais geral, contudo, a travesti tem como etapa *fundamental e necessária* para a salvação *restaurar o corpo para restaurar a alma*, ou “reformular o corpo que foi deformado” – e neste caso, está lá a igreja para auxiliar nas “obras de reforma”. E o que seria *restaurar o corpo* e como atuaria a igreja em tais obras?

A restauração seria fazer toda a *engenharia reversa* de adaptação estética comumente realizada pelas travestis. Neste caso, estas deveriam retirar o silicone que implantaram no corpo, raspar ou cortar bem curto o cabelo, adotar roupas consideradas masculinas, deixar de se maquiar, depilar ou tomar hormônios, e rejeitar qualquer traço de feminilidade. A missão da SAL e do Acampamona estaria justamente em colaborar na viabilização de tais transformações, recebendo, por exemplo, em sua Casa Família travestis interessadas em “se tornarem homens de Deus”. Sobre tais etapas de conversão / restauração de corpo e alma, @ missionári@ complementou:

mas ó, cortar o cabelo meu amigo, não é brincadeira. Não é um passo simples, ainda mais se o cabelo é grande. Fora que existe o preconceito interno, dos próprios travestis. Quem tem um cabelo grande, tem um *status* maior, por isso cortar o cabelo não é uma coisa tão simples, tem que abdicar de um *status*. Suponha que ele queira mudar de vida, então ele vai pra nossa

⁴⁵ Idem, 2014.



casa, aí o que acontece: uma condição pra que ele ir pra casa é que ele tenha que cortar o cabelo. Aí você...⁴⁶

Outr@ missionári@ interfere: “tem muitos travestis que já ficaram em casa, aí a primeira coisa é o nome...”⁴⁷ @ missionári@ anterior infere: “mas também logo no primeiro dia já corta o cabelo. Essa coisa admite uma condição que a gente não está admitindo: que é o fato de que ele já quer mudar.”⁴⁸

Um@ hóspede se aproxima e conta que morou na casa da SAL e depois foi embora. Comentou sobre o novo local em que mora:

a minha briga em casa, com as minhas amigas é por causa disso: porque elas não entendem. Eles dizem que lá na casa do pastor fazem uma lavagem cerebral na gente. Não é que faz uma lavagem cerebral, a gente vê que a vida é assim, eu sou homem e acabou, não adianta a gente ter peito.⁴⁹

Perguntei como el@ se identificava: “não sei se sou homem ou travesti. Ah, eu não sei... eu me arrependo de ter botado silicone. Não tem como tirar mais. É industrial. Não tiro, não sai tudo.” Esta pessoa, que discorda com a narrativa de colegas que concebem que a SAL pratica espécie de lavagem cerebral, entende que é necessária a transformação corporal pois “é homem e acabou”, ao mesmo tempo em que explica não saber se é homem ou travesti (em outro momento também disse não saber se era travesti ou ex-travesti). Este sentimento de inadequação de gênero, como esta pessoa me explicou, lhe causava grandes conflitos, internos (“eu queria ser homem mas como faço com este peito aqui?”) e em relação à sua família:

a maioria da minha família é convertida, todos eles querem que eu volte pra igreja, eles dizem que eu sou a ovelha desgarrada deles. O que você acha? Eu sou uma ovelha desgarrada?⁵⁰

Falei que não tinha como responder e el@ perguntou o que eu fazia no acampamento. @ missionári@ entrevistou dizendo que eu estava escrevendo sobre o mesmo e @ hóspede indagou: “a gente é diferente...você acha que um homem que se veste de mulher é um homem normal?” Eu perguntei se não era. El@ disse

⁴⁶ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS D., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁴⁷ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS E., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁴⁸ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS D., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁴⁹ TIRÉSIAS J., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁵⁰ Idem, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.



claro que não. É uma loucura, doente, uma safadeza... pilantragem... como diz, Deus fez o homem e a mulher, não fez o terceiro sexo. Deus não disse assim: esse aqui é homem, esse é mulher e esse aqui é travesti. É o terceiro sexo... não sou homem... travesti eu não sou... eu não quero botar silicone, esse restinho de peito por mim eu já tinha tirado. Quando eu voltar de São Luís eu quero cortar o cabelo de novo...⁵¹

A concepção desta antiga hóspede da Casa Família da SAL é semelhante a de missionári@s: naturalização da cis-normatividade, necessidade da adaptação corporal à vontade de Deus, e ainda, entendimento da travestilidade como “loucura, safadeza e pilantragem”. Tal narrativa demonstra o entrelaçamento – em alguns casos – de concepções de hóspedes e da equipe técnica do acampamento. Tais entendimentos, certamente, apresentam determinados efeitos discursivos no corpo e na alma das primeiras. Observemos alguns no que segue.

Efeitos dos discursos *cishet-psi-spi* no caminho das hóspedes do Acampamona

Algumas das pessoas que se hospedaram no Acampamona comentaram acerca de como discursos como os antes apresentados afetaram suas formas de perceberem a si mesmas. Para duas hóspedes, os efeitos eram positivos. Uma delas explicou que apreciava o Acampa, mona, tendo participado de sua primeira edição, no ano anterior: “eu era travesti também, e era belíssima. Mas você conhece a vida de travesti? É treva. Ser trava é treva. Eu deixei de ser travesti porque é tudo muito puxado. Não teve motivo religioso não. Era muita tiração mesmo”.⁵² Nesta concepção, a conversão de travesti a ex-travesti não se relacionou com o discurso da SAL. Outra hóspede disse estar apreciando o acampamento:

é a primeira vez que venho. Eu to gostando. Eu gostei do trabalho que eles fazem, tudo, mas vamos supor, eu achei que essa missão foi mais um ponto de lazer, pras trans, pra se unir mais, sem aquele negócio de briga, de richa, mesmo assim ainda tem. É mais pra ter um momento com Deus, a maioria não tem. É trabalho, rua, bebida, droga... sair um pouco da rotina disso. Esse negócio de prostituição, de ficar com homem, não sei o que. É bem, guarda um aqué, não foge de alibã.⁵³

⁵¹ Ibidem, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁵² HÓSPEDE DO ACAMPAMONA A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁵³ HÓSPEDE DO ACAMPAMONA B., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014. *É bem* significa que é bom, *alibã* é polícia e *aqué*, dinheiro.



Por outro lado, outra entrevistada contou: “não acredito em nada que dizem. Só venho aqui prá um momento de sossego da tiração que é viver colocada na rua, embaixo de viaduto, atrás de cliente prá conseguir pedra”.⁵⁴ Para esta pessoa, o discurso do ministério anônimo de “resgate da heterossexualidade” da SAL não surtia efeitos. Mas diferentemente da opinião anterior, esta pessoa não deixou de ser travesti e não abandonou as ruas. Em outra opinião,

eu fui travesti, aí morei na casa da missão durante um ano e meio como homem, convertido e salvo. Mas aí fui pra rua e caí. Aí fiquei assim. Não sou mais travesti. Mas também não sou homem. Sou assim né? Sei que não sou salvo sendo assim.⁵⁵

Tal fala, que remete à narrativa da hóspede referida no tópico anterior, demonstra um *não-lugar de gênero*, relacionado a uma situação não-binária indesejada: a pessoa não se vê como travesti nem como homem. Mas uma certeza a pessoa tem, em relação ao *binário salvação e não-salvação*: a de que definitivamente ela não está salva.

É importante ressaltar que estas concepções se relacionam, em boa parte, com os discursos que estas pessoas escutaram na própria SAL e Acampamona, bem como em outros ambientes evangélicos que pregam a necessidade de (re/des)conversão do corpo e gênero como forma de salvar a alma.

Em um dos momentos do Acampamona, Paulo Cappelletti explicou à única mulher transexual do grupo: “você sabe que seu nome é Joana, mas na verdade você é João. Você pode ter buceta e tudo, mas Deus te fez homem, você é homem”.⁵⁶ Uma pessoa que estava ao lado, e que não se identifica nem travesti nem ex-travesti por não ter realizado as cirurgias de readaptação ao corpo masculino complementou: “eu ainda tenho jeito, eu tenho peito mas posso tirar. E aí Jesus me aceita no céu. E você? Você tirou o pinto e agora tem buceta. Não dá pra colocar pinto aí, agora. Você vai direto pro inferno. Eu ainda tenho salvação”.

⁵⁴ HÓSPEDE DO ACAMPAMONA C., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014. Em narrativa que remete a esta, uma entrevistada não quis comentar mais pois “os missionários não sabem mas a gente se coloca aqui também” – se *colocar* é gíria para usar cocaína (HÓSPEDE DO ACAMPAMONA A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014). Ela se denominou *ex-ex-travesti*, e não foi a única pessoa no acampamento a se definir assim, já na primeira noite. Sobre (re/des)conversões de gênero, uma colaboradora explicou: “fui homem, fui travesti, virei homem de novo, depois assim, como estou, travesti de novo. Voltei prá essência” (HÓSPEDE DO ACAMPAMONA A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014).

⁵⁵ HÓSPEDE DO ACAMPAMONA D., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁵⁶ Os nomes referidos na fala de Cappelletti são fictícios.



Uma das hóspedes comentou depois: “pois é, com ela que é trans operada eles não conseguem ganhar seu belo dinheirinho”. Outra das hóspedes me procurou e disse: “se você não é da equipe deles e tá escrevendo, sabia que eles ganham dinheiro com as *gays?*”, e confidenciou: “eles ganham 12 mil dólares por mês por travesti que mora na casa deles você sabia?” Uma ex-ex-travesti explicou:

eles da casa se filiam a uma missão de fora, que faz parceria com a casa. Tem missão do Brasil também. Lá tem curso de pastor, carteirinha e tudo. Eles ganham um dinheiro por cabeça da ovelha, vamos dizer assim... é pastor né...⁵⁷

Não tive como verificar a procedência desta informação e assim, não estou afirmando que isto efetivamente aconteça – mas algumas semanas após eu ter retornado do Acampamona, ex-missionári@s confirmaram este dado, ainda que não sabendo informar os valores referentes a tais financiamentos.

Estas falas não foram uma surpresa para mim. Eu já havia conversado com travestis e transexuais que haviam relacionado tais missões e ministérios de “cura e libertação” com apoios de políticos (como sinalizado no caso de Feliciano) e com financiamentos do exterior. Uma mulher transexual com quem conversei em outra ocasião havia feito sua cirurgia de redesignação genital e passado por ministérios de “cura e libertação da sexualidade”, e narrou:

prá eles eu não sou gente. Não sou travesti, então eles não conseguem mexer no meu corpo porque eu sou operada, fiz vagina, e não podem ganhar dinheiro. Eles não têm como me transformar em homem então não rendo aquele testemunho. Não dou lucro. Cada um tem seu preço. Eu já não, meu caso é diferente, a missão não tem como me fazer homem de novo. Cada pessoa eles ganham um tanto. Vamos dizer, quem vive lá dentro se recuperando, tem que tá lá dentro, registrado que tá lá. Porque você tá em tratamento. E eles mostram este documento prá quem paga eles. Essas casas de recuperação ganham assim, por morador, por travesti. Travesti vale mais porque é testemunho mais caro. Passou mais dificuldade né? Assim. Aí eles fazem cortar cabelo e fazer uma linha homem. Tem uma lá com peito e tudo. Mas vai tirar. Tem vários também, que tentaram virar, tem uns que não conseguem não, é muito difícil que virou, não existe ex-gay nem ex-travesti. Aliás ex-travesti existe sim. Quando vira mulher, vira transsexual. Como eu

⁵⁷ HÓSPEDE DO ACAMPAMONA F., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

Após saber das opiniões de algumas ex-ex-travestis que passaram pela casa, especialmente as relativas a rendimentos da SAL e do Acampa, Mona, entrei em contato com Cappelletti por Facebook e perguntei a ele acerca do acontecido. Encaminei as perguntas também por *e-mail*, ambas em outubro de 2014 – mas não obtive resposta.



era. Mas ex-travesti que vira homem? Não existe. Prá eles transexual não é aceito, é uma aberração humana. É difícil entrar na cabeça deles que a gente pode ser feliz e completa sendo a gente, e realizada sexualmente... orgasmo normal, tudo normal. Eles querem o dinheiro no cofrinho.⁵⁸

Ela explica que, em termos de financiamento, “travesti vale mais que homossexual pois o testemunho é mais caro”, já que passou maiores dificuldades no processo de reversão. Em meio ao relato, faz uma brincadeira bem-humorada sobre a questão controversa sobre se existe ou não ex-travesti: existe, sim, é a travesti que se torna transexual, como foi o caso dela.

Como escutei diversas narrativas sobre missões e ministérios que recuperam travestis recebendo financiamentos por isto, conversei com Sérgio Viula,⁵⁹ que fundou uma missão especializada na “cura gay” e hoje é assumidamente gay e ateu, sobre os centros de “recuperação” que ele conhecia:

sim, ganham. Primeiro, ganham da própria congregação que doa dinheiro para a manutenção desses ministérios. Segundo, ganham quando a família toma a iniciativa de internar o parente. Algumas cobram mensalidades. Quando a pessoa não tem ninguém, fica ainda mais vulnerável a ser escravizada, tendo que trabalhar de graça para manter a “casa de recuperação”, inclusive pedindo doações nas ruas, no transporte coletivo e outros meios - o que equivale a esmolar. Há casos de acordos entre o “centro de recuperação” e as igrejas onde essas pessoas vão dar testemunhos. São verdadeiros eventos e geralmente há um cachê ou venda de material do “centro de recuperação”. O “ex-gay” ou “ex-travesti” que dá testemunho não fica com nada nesse caso. Ele acredita que deve retribuir à casa pelo “bem” que ela lhe fez ou continua fazendo. Um amigo meu que é soropositivo esteve numa dessas casas em Belo Horizonte. Ele me disse que o líder colocava o pessoal, inclusive ele, para pedir dinheiro nas ruas e para dar testemunhos em troca de “ofertas”. Tudo ia para a casa. Essa casa já recebia apoio da Igreja Batista da Lagoinha. Parece que quando isso começou a chamar a atenção de outras pessoas e que os próprios internos começaram a se revoltar, a igreja decidiu cortar o suporte financeiro e a casa fechou – o que não significa que a igreja tenha mudado um só milímetro de sua visão homofóbica e transfóbica pró “terapia gay”. Aqui no Rio de Janeiro, o Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES) enviou duas travestis para um “centro de recuperação”. As duas trabalhavam na Lapa e eram cafetinadas por uma mulher. O problema dessas travestis não era a travestilidade, mas a exploração a que estavam submetidas na casa dessa cafetina. Ela retinha os

⁵⁸ MULHER TRANSEXUAL, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁵⁹ Viula relata que “em junho de 1997, João Luiz Santolin, Liane França e eu fundávamos oficiosamente o *Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES)*. Nossa primeira atividade oficial como MOSES foi um evangelismo na Av. Atlântica, em Copacabana, durante uma passeata do Dia do Orgulho Gay. Éramos apenas três naquele momento, fazendo o lançamento de um ministério que ganharia projeção nacional através da mídia (VIULA, 2010, p. 20-21). Em seu livro *Em busca de si mesmo*, Viula relata como se tornou militante anti-cura gay.



documentos das duas, obrigava as duas a fazer ponto e trazer o dinheiro todo para ela. E aí das travestis se não trouxessem. Elas foram abordadas por um trabalho de evangelismo realizado pelo então grupo Arte-Fé, que veio a ser a plataforma de lançamento do MOSES, criado em 1997. Foram tiradas da rua e o grupo foi até a cafetina recuperar os documentos das duas. Para evitar problemas maiores, a cafetina devolveu, mas avisou que as duas não passassem pela área dela nunca mais na vida. Tudo isso parece muito humano, e poderia ter sido totalmente humano se não fosse o que veio depois. As travestis foram enviadas a um “centro de recuperação” onde eram discriminadas, tratadas como endemoninhadas, forçadas a trabalhar na casa como empregadas, mas sem receber nenhum centavo por isso. Ainda tinham que dar testemunho de conversão. E isso com pouquíssimo tempo de internação naquela casa. O resultado foi que uma fugiu e nunca mais apareceu, enquanto a outra procurou o grupo de novo para dizer o que estava acontecendo. Tentamos alugar uma casa para ela numa comunidade próxima – era o que o dinheiro permitia – e colocamos o principal dentro de casa para que ela (agora ele) pudesse começar a vida de novo. Ficou um tempo ali, mas depois também decidiu sumir na estrada. As violências que essas travestis sofreram nas ruas foram de um tipo, mas igualmente violento foi o tratamento que elas receberam na “casa de recuperação”. Até mesmo as boas intenções dos membros do grupo Arte-Fé não foram suficientes para anular o efeito da homofobia e da transfobia que caracterizava o discurso e as atitudes do grupo – ela tinha que deixar de ser travesti. Isso foi de uma crueldade que só não enxerga quem está cego pela dogmática fundamentalista e conservadora.⁶⁰

O cenário oferecido por Viula demonstra as “casas de recuperação” como parte de uma rede de ambientes discriminatórios e violentos à subjetividade de travestis e de *gays*. Segundo o mesmo, algo que conecta tais centros é a questão da vulnerabilidade sócio-econômica. Sobre o perfil de tais pessoas, ele comentou ainda que,

a clientela é geralmente aquela já envenenada com a pregação homofóbica e transfóbica presentes em muitos púlpitos Brasil afora. Mas, não vêm só da igreja a homofobia e transfobia que esses homossexuais e travestis internalizam. Ela vem principalmente da família e da escola. Mas a clientela não fica restrita aos que se submetem aos “procedimentos terapêuticos” ou ao “disciplinado” desses pregadores. A família, como um todo, também está convencida de que se o pastor ou o padre falou, deve ser verdade e deve funcionar. Se o indivíduo gay ou travesti se recusa a aceitar esses “tratamentos”, ele é rotulado de incrédulo, pervertido, etc. Há casos em que a permanência na casa dos pais é condicionada à submissão a esses procedimentos horripilantes que só fazem a pessoa gay ou travesti se odiar ainda mais, quando ela deveria, na verdade, se emancipar de tudo isso e viver plenamente seu potencial criativo, produtivo, erótico, afetivo, enfim todo seu potencial humano, de acordo com sua orientação sexual e sua identidade

⁶⁰ Ibidem, 2014.



de gênero, só para citar duas características presentes em todos os seres humanos.⁶¹

Para o mesmo,

uma vez convencidos pelo discurso homofóbico e transfóbico quase onipresente, já em tenra idade, geralmente bem cedo mesmo (há relatos de crianças gays ou transgêneras que reconheceram o primeiro insulto ou veto social aos quatro, cinco anos de idade), esses indivíduos tornam-se presas fáceis desses ministérios e suas falácias.⁶²

Tais argumentos podem sinalizar uma eficácia da *enunciação performativa religiosa/generificada*, em que *crer* em tais interpelações / enunciações performativas pode inaugurar uma série de *atos performativos*⁶³ que visam (deixar) *consertar/reparar* o corpo “deformado”, o conformando aos desígnios (supostamente) sagrados, ou uma série de *desatos* performativos – no sentido da carpintaria reversa em relação ao corpo travesti.

Lembrando a fala de uma das entrevistadas anteriormente mencionadas – a mulher transexual redesignada –, para quem @s missionári@s de “cura” de travestis não a consideravam gente, mas sim, uma “aberração humana”, visto não poderem proceder a “restauração” e receber financiamentos decorrentes da “transformação do travesti em varão ou homem de Deus”, é possível que em alguns casos a pessoa se coloque em cheque e desenvolva certa auto-rejeição ou *transfobia internalizada de fundo religioso*.

Sobre esta possível *desestruturação* subjetiva, estimulada por missões de “resgate da sexualidade”, escutei, no Acampamona:

vim de longe, menino. Meu sonho era fazer o corpo. Me tornar mulher. Mas fui percebendo que eu nunca seria mulher de verdade. Era tudo um sonho. Olha bem prá mim. Você acha que eu ia conseguir ser mulher? Hoje em dia já tá tudo caro, pensa há uns 15 anos? Eu morei em clínica de recuperação. Fiquei mais de dois anos. Minha lição, olhar prá mim e não saber mais o que é isso. Não sou travesti, não sou homem, o que eu sou? Sou um monstro. Você acha mesmo que se eu morrer Jesus vai me aceitar assim? Claro que

⁶¹ VIULA, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁶² Idem, 2014.

⁶³ Enfatizo que para Butler, “a partir das reiterações contínuas, realizadas mediante interpretações em atos das normas de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo” (BUTLER, 2003), e que neste texto, os corpos são hipoteticamente pensados como tendo aparência que é simultaneamente generificada e religiosa visto este ser produzido, ao menos algumas vezes, por discursos generificados/religiosos.



não. Tenho certeza. Se eu morrer Jesus não me deixa entrar. Todo deformado? Tá doido.⁶⁴

Nesta concepção, pelo fato da pessoa ter o corpo feminino e não tê-lo adequado ao “corpo de homem”, a mesma não se sente nem travesti, nem homem, mas um *monstro*. Ainda mais: entende que Jesus não a aceitará no céu com tal corpo compreendido como “deformado”.

Relatos como estes demonstram que passar por um ministério de conversão de travestis pode eventualmente causar impactos, possíveis (d) efeitos em corpo e alma. Na segunda narrativa, fica mais clara esta relação – em que o corpo “deformado”, de “monstro”, impossibilitaria que a alma fosse *aceita por Jesus*.⁶⁵

Como lemos anteriormente, a concepção que relaciona modificação do corpo com conversão da alma é potente na SAL, muito provavelmente ecoando no imaginário e processo de subjetivação destas pessoas. Estas seriam mesmo “recusadas no céu” e “rejeitadas por Jesus” por não serem lidas em um dado sistema binário? Deveriam se encaixar em uma determinada concepção teológica como se fossem filhos (nunca filhas) pródigos? Longe de ter condições de responder a isto, nos dirijamos a algumas considerações *inconclusivas*.

Considerações *inconclusivas*

Entre caminhos, *descaminhos*, desvios, *recomeços*, *reorientações* e *desorientações* de trajetos, podemos perceber que o discurso que fundamenta as ações do Acampamona, do ministério de “conversão de gênero e sexualidade” de travestis da SAL e da própria SAL pode ser entendido como recheado de uma teologia cishet-psi-spi que traz impactos diversos sobre as travestis, ex-travestis e ex-ex-travestis (e pessoas que não se identificam através de nenhum destes termos) que se hospedam no acampamento ou na casa da missão evangélica paulista. A ampla maioria das pessoas entrevistadas entendem – assim como a equipe técnica do Acampamona – que *mexer no corpo altera a alma*.

⁶⁴ HÓSPEDE DO ACAMPAMONA E., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁶⁵ Comento a respeito disto em trabalhos anteriores (2011a e b, 2016).



Algumas destas pessoas – a minoria – se diziam acolhidas pela SAL, mas cabe problematizarmos que esta talvez seja uma *aceitação condicional* por parte da missão: a pessoa homossexual (incluída a travesti, comumente confundida com a homossexual) é aceita, desde que esteja disposta a modificar sua “conduta” – ao estilo do “venha como tu és mas não permaneças como estás”, espécie de “mantra” perpetrado por diversas igrejas cristãs tradicionais.

A teologia cishet-psi-spi apresentada pelo Acampamona se fundamenta em justificativas como trauma, abuso sexual, violência doméstica, consagração a entidades de religiões de matriz africana (ou visita/frequência a terreiros), ausência/distância emocional dos pais, desejo de *glamour* e dinheiro e experiência homossexual na infância. O *caminho de salvação* do acampamento (e da SAL) obriga as atitudes retratadas no texto, que podemos considerar violentas *retificações de caminho*: trata-se de *colocar o corpo em obras* de (re/des)construção fundamentada em uma concepção cishet-psi-spi de corpo e alma.

Mas cabe ressaltar que a concepção cishet-psi-spi pode adquirir diversos contornos e nuances a partir de outros olhares de pessoas que procuram “reverter o homossexualismo radical” de travestis.⁶⁶ Em dadas concepções, somam-se outros fatores, como “experiência sexual fora do normal incluindo sexo grupal ou com animais, e influências culturais”,⁶⁷ “exposição de menores a ideologias gays afirmativas”,⁶⁸ “ambientes homossexuais ou a favor da homossexualidade na educação escolar” ou “na forma de um relacionamento homossexual”,⁶⁹ e abuso sexual e físico na vida adulta especialmente no caso de lésbicas.⁷⁰

Tais fatores se relacionam ainda a obras infrutuosas das trevas, perversão, devassidão, prostituição, infâmia, iniquidade, morte espiritual, pedofilia, verdadeira doença, disposição mental reprovável, pecado e valores distorcidos e por estas razões são merecedor@s de juízo, ranger de dentes, pranto, dor e “porrete em cima”, como nas palavras de Silas Malafaia;⁷¹ são bestialidade, sodomia, perversão, inconstitucionalidade, imoralidade, maus costumes e coisas

⁶⁶ É importante nuançar que em todo o país há missões e ministérios evangélicos que pregam a “cura e libertação” de homossexuais e de pessoas transgêneras, inclusive em locais de difícil acesso, como o Alto Rio Negro, Amazônia (MARANHÃO Fº, 2015a).

⁶⁷ VIULA, 2010, p. 73.

⁶⁸ TAY, 2011, p. 147.

⁶⁹ Idem, 2011, p. 148.

⁷⁰ Ibidem, 2011, pp. 144 -147.

⁷¹ MALAFAIA, 2004, p. 32; 2011.



anti-higiênicas, como assegura Feliciano,⁷² estimulador@s de promiscuidade, de acordo com Jair Bolsonaro,⁷³ pedofilia e algo digno de atendimento psicológico “bem longe da gente”, para Levy Fidélis,⁷⁴ trauma e perda da identidade masculina, para Cappelletti.⁷⁵

As pessoas sujeitas a estes discursos, em casos como o do Acampamona, costumam ser vulneráveis sócio-economicamente,⁷⁶ o que não quer dizer que devam ser vitimizadas ou entendidas como pouco portadoras de agência. Muitas das participantes do Acampamona referiam: “estou aqui prá relaxar dessa vida de tiração e treva, venho, aproveito com as amigas e volto pro batente depois, mas a maioria de nós não acredita em nada do que eles dizem”. Ao mesmo tempo, algumas creem e acolhem os impactos das dúvidas, inquietações, insatisfações e frustrações decorrentes das concepções teológicas cishet-psi-spi, que repercutem sobre suas subjetividades e cotidianos. De todo modo, é importante observar que todas as múltiplas (re/des)carpintarias de gênero possíveis se fazem, não de “cima pra baixo” através dos discursos eclesiásticos, mas em conexão com a agência das próprias pessoas que escutam tais narrativas. É preciso atentar

ao que as pessoas fazem do que tais discursos fizeram (ou não conseguiram fazer) delas – e onde elas se situam após os impactos dos mesmos em seus corpos e almas que podem ser considerados metaforicamente caminhos, *descaminhos*, *recaminhos*; devires, *devoltares*, *revires*, *revoltares*; lugares, não-lugares e/ou entrelugares de (re/des)encontro (ou não-encontro) com o Sagrado e/ou com o (des)regrado; templos (re/des/não)construídos; campos de obras realizadas (ou não) e de batalhas (re/des)encampadas.⁷⁷

É importante ainda refletir sobre possíveis alternativas a pessoas trans* em vulnerabilidade social, como costuma ser o público-alvo de ministérios de recuperação/conversão de gente trans*. Viula lembra:

quero muito que um tipo completamente diferente de casa se popularize no Brasil: o da casa de recuperação social. O que tenho em mente é o seguinte

⁷² FELICIANO, 2011, in RAMOS, 2014.

⁷³ BOLSONARO, 2010, in RAMOS, 2014.

⁷⁴ FIDÉLIS, 2014.

⁷⁵ CAPPELLETTI, *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁷⁶ Em relação ao Acampamona, outra pista acerca disto estive em nosso retorno à Santo André após o evento. Antes de chegar à casa da SAL (espécie de *objetivo final do caminho*, literal e metaforicamente), algumas travestis foram pedindo para descer mais próximo de suas moradias. Grande parte delas vivia sob os viadutos de Santo André, se prostituindo em troca de *crack*, cocaína ou cola, possíveis indicadores de que tais pessoas muitas vezes procuravam igrejas e/ou casas de apoio/recuperação no intuito de um *alívio do sofrimento*. Em muitos casos relatados, era uma questão de *frequentar* (ou visitar) mas *não necessariamente crer* nos discursos da SAL.

⁷⁷ MARANHÃO Fº, 2016, p. 216.



é a criação de espaços onde pessoas LGBT, especialmente menores de idade, expulsas de casa, recebam apoio. Primeiro, com um lugar decente para dormir. Depois, educação, esporte, assistência médica e psicológica, profissionalização, mas tudo isso em conformidade com sua orientação sexual e identidade de gênero. Sem qualquer vinculação religiosa. Totalmente pró-emancipação. Um local onde essas pessoas sejam respeitadas em sua individualidade e aprendam a amar a si mesmas e fazer de si cidadãos produtivos e saudáveis.⁷⁸

Eis um ponto importante: caso houvessem casas de apoio a pessoas homossexuais e pessoas trans*, proporcionadas pelos governos e que acolhessem tais pessoas indistintamente, *sem* o objetivo de *reformatar* suas identidades, provavelmente tais indivíduos não procurassem casas de recuperação de caráter religioso que tentassem normalizá-las/normatizá-las prescrevendo identidades. Assim, é fundamental que o poder político, por estas e outras razões, crie e popularize casas de apoio para travestis e transexuais (e também para o público LGB) em situação de vulnerabilidade social.

Longe de chegar ao fim do caminho de compreensão sobre este tema, gostaria de estimular que novas pesquisas sejam feitas, adensando e aprofundando estas reflexões, e de realçar algo que percebi durante todo o trabalho de campo: não há absolutamente nada de psiquiatrizável, patologizável ou “pecadologizável” nas identidades de travestis e transexuais. Por que, teologicamente falando, tais pessoas não poderiam ser aceitas na mesa de banquete de Jesus Cristo como elas entendem que são (e por isso, *são*, efetivamente)?⁷⁹

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MALAFAIA, Silas. *O cristão e a sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2004.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A Pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena:

⁷⁸ Ibidem, 2014.

⁷⁹ *Agradeço* a todas as pessoas que colaboraram com este trabalho através de narrativas. Agradeço à Joana Maria Pedro, Cristina Scheibe Wolff e Salma Ferraz por me convidarem a palestrar sobre o assunto deste texto no final de abril de 2016, na Universidade Federal de Santa Catarina; a Leila Marrach de Albuquerque pelos diálogos sobre o tema; a José Carlos Sebe Bom Meihy pela orientação do trabalho durante o doutorado. *Dedico* este texto a todas as pessoas travestis, ex-travestis, ex-ex-travestis e em outras situações de trânsitos de gênero.



(Re/des) fazendo gênero no Alto Rio Negro, Amazonas. *Mouseion*, Canoas, n. 22, p. 151-175, dez. 2015a.

_____. "Educar corretamente evitando aberrações": discursos punitivos / discriminatórios sobre homossexualidades e transgeneridades. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 187-200, jan./jun. 2015b.

_____. "É prá baixar o porrete!" Notas iniciais sobre discursos punitivos-discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015c.

_____. "Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei": intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica. *História Agora*, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011a.

_____. "Jesus me ama no dark room e quando faço programa": narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana). *Polis e Psique*, v. 3, p. 221-253, 2011b.

_____. (Re/des)conectando gênero e religião. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____. Sai desse corpo que esse caminho não te pertence! Pessoas trans* e ex-trans* em (re/des)caminhos de gênero, corpo e alma. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VIII, n. 24, p. 197-219, 2016.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. *Deus me aceita como eu sou?* A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Orientação de Peter Fry. Tese em Antropologia apresentada ao PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

RAMOS, Jair de Souza. *A sexualidade como campo de batalha na internet: grupos religiosos e movimentos feministas e LGBT na luta em torno dos direitos sexuais*. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.

TAY, Dr. John S. *Nascido gay?* Existem evidências científicas para a homossexualidade? Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.

VIULA, Sergio. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

Internet

CUNHA, Magali do Nascimento. O caso Marco Feliciano: um paradigma na relação mídia-religião-política. Blog Mídia, religião e política, 15 abril 2013. Disponível em:



<<http://midiareligiaopolitica.blogspot.com.br/2013/04/o-caso-marco-feliciano-um-paradigma-na.html>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

Feliciano admite derrota e diz que 'cura gay' pode voltar: nos aguarde em 2015', Portal Terra, 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/feliciano-admite-derrota-e-diz-que-cura-gay-pode-voltar-nos-aguarde-em-2015.cfaa6d17171af310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em: set. 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. A homofobia de Levy Fidelix doeu tanto quanto o silêncio dos candidatos, blog do Sakamoto, 2014. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/09/29/a-homofobia-de-levy-fidelix-doeu-tanto-quanto-o-silencio-dos-candidatos/>>. Acesso em: 29 set. 2014.

